

Cartografias e geopoéticas: grafias e poéticas de mundos-mais-que-humanos¹

Cartographies and geopoetics: writings and poetics of more-than-human-worlds

David Sperling
sperling@sc.usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-1224-4267>

Professor Associado - Livre-docente do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP) e coorganizador do atlasdochao.org.

Resumo

O artigo aproxima o campo das cartografias do campo das geopoéticas, demarcando conceitualmente um modo de ser das cartografias críticas como geopoéticas de espacialização da informação. Estas se apresentam como dispositivos para visibilização de processos socioespaciais emergentes e conformações de mundos mais-que-humanos tornadas invisíveis pelas lógicas consensuais. Neste sentido, referenciais teóricos e práticas cartográficas recentes são tecidos para apresentar experimentações conceituais e artísticas comprometidas com outras cartografias e formas de ver o mundo.

Palavras-chave: cartografia crítica, geopoéticas, mundos-mais-que-humanos, arte contemporânea.

Abstract

The article approaches the field of cartography from the perspective of geopoetics, conceptually delineating a way of being for critical cartographies as geopoetics of information spatialization. These emerge as devices for making visible emerging socio-spatial processes and configurations of more-than-human worlds made invisible by consensual logics. In this sense, recent theoretical frameworks and cartographic practices are woven together to present conceptual and artistic experiments committed to other mappings and ways of seeing the world.

Keywords: critical cartography, geopoetics, more-than-human worlds, contemporary arts.

Historicamente, mapas controlam e abrem formas de ver. Operam neles regimes de visibilidade, do que pode e não pode ser visto. Assim, não estamos diante meramente de dispositivos ópticos no sentido técnico, mas também nos sentidos político e poético. No contexto contemporâneo de expansão dos modos de mapeamento, as cartografias críticas são compreendidas como formas de resistência; com elas interagem atores, dispositivos, forças, processos e enunciações que tensionam regimes de visibilidade históricos e correntes. Em um quadro mais geral, duas linhas de força ajudam a pensar as cartografias críticas no mundo contemporâneo, os mapeamentos cognitivos (Jameson, 1988) e as cartografias de processos (Deleuze; Guattari, 1995), as quais desdobram abordagens para reflexão e experimentação cartográfica. Uma é a cartografia como tecnopolítica, enquanto a outra é a cartografia como geopoética. Este artigo tratará da segunda.

Em face dos mapas como formas de visualização que permitem a objetificação da ciência e dos modos de governo sobre a vida, as cartografias críticas como poéticas dos acompanhamentos de processos e dos mapeamentos cognitivos voltam-se às geopoéticas, de onde emergem suas ações políticas em relação às formas de ver. Nesta linha, parecem operar não só experimentações com as linguagens visuais, como também modos de retorno às coisas mesmas, buscando recobrar em sua

tessitura aspectos renovados de uma fenomenologia dos lugares e da percepção (Merleau-Ponty, 1994).

Mas, no contexto dos avanços do capital e das formas como em sinergia os espaços são produzidos, Jameson defende a hipótese que residiria nas práticas de mapeamento cognitivo uma possibilidade de visualização dessas novas dinâmicas socioespaciais, e que se faria apenas pela superação da disjunção *experiência autêntica – experiência verdadeira* (Jameson, 1988). Desde a fase do capitalismo imperialista, segundo o autor, a vivência de uma experiência “autêntica” em Londres, por exemplo, não daria mais conta da “verdadeira” estrutura social do império inglês. A fenomenologia apresentaria, portanto, claros limites diante de tamanho nó.

No entanto, a linha que se apresenta aqui, das cartografias como geopoéticas, parece redobrar a aposta, assumindo-se a “vocação da própria arte [...] inventar novas cartografias geotópicas” (Jameson, 1992, p. 189, tradução nossa), como atos de uma outra “geografia experimental” (Foster, 2020, p. 205, tradução nossa). E essa aposta redobrada não se encerra pura e simplesmente na reafirmação da fenomenologia. Da mesma forma, não se trata de atos de superação do cientificismo pela reposição – em uma realidade planetária mais-que-humana ou multiespécie – de um humanismo na cartografia,

¹ Este artigo apresenta uma versão de um dos nove ensaios que compõem a tese de livre-docência defendida pelo autor em agosto de 2023, intitulada “Cartografias críticas: ensaios tecnopolíticos e geopoéticos”. A pesquisa conta com apoio de bolsa produtividade PQ-2 CNPq (303689/2022-6).

como propõe Jörn Seeman (2012). A questão parece residir, então, no próprio conceito de geopoética.

Concebida pelo escritor franco-escocês Kenneth White no fim da década de 1970, a geopoética visa desenvolver relações sensíveis e inteligentes com a Terra, opondo-se à sua mercantilização e conferindo ênfase à condição de pertencimento comum, dos seres humanos e não-humanos, ao planeta. Propõe a descompartmentalização das disciplinas – como geografia, literatura, filosofia, artes e ciências da terra, entre outras – e se inscreve nas zonas de sombra criadas pela cartografia científica, buscando captar a poesia dos lugares (Bouvet, 2012, 2015).

Segundo White (2016), esse neologismo que propõe um pensamento e uma ação no mundo, uma teoria-prática, decorre da associação entre acepções precisas de “geo” e “poética”. Por geo, White (2016, s.p.) abarca a existência de

[...] uma coisa com a qual, além de todas as diferenças de ordem religiosa, ideológica, moral e psicológica que se multiplicam e, às vezes, se reprimem hoje em dia, poderíamos – de norte a sul, de leste a oeste – estar de acordo. Cheguei à ideia de que é a própria Terra, este planeta estranho e belo, aparentemente raro no espaço galáctico, na qual tentamos todos, na maioria das vezes, viver (mal).

Por poética, deve-se compreender como “uma dinâmica fundamental do pensamento. É assim que pode existir [...] não somente uma poética da literatura, mas uma poética da filosofia, uma poética das ciências e, eventualmente – por que não – , uma poética da política” (White, 2016, s.p.). A geopoética situa-se imediatamente diante do “enorme”, entendendo-o

[...] primeiramente, no sentido quantitativo, enciclopédico (não sou contra o quantitativo, contanto que a força capaz de o carregar o acompanhe); em seguida, no sentido excepcional, de e-norma (fora das normas). Em veiculando muita (enormemente) matéria, matéria terrestre, com um sentido largo de coisas e de seres, a geopoética abre um espaço de cultura, de mentalidade, de vida. Em uma palavra, de mundo (White, 2016, s.p.).

Para White (1992, p. 166-167, tradução nossa), haveria nas geopoéticas um sentido de “pedagogia cósmica”, ou seja, de “viver na terra, com sentido cósmico, mas viver na terra. [...] Rumo a uma vida terrestre mais sutil” (White, 1992, p. 166-167, tradução nossa). Está claro, portanto, que o prefixo *geo* não diz respeito à geografia, mas à Terra, sendo a geografia apenas um dos conhecimentos e práticas que se articulam nas geopoéticas. Segundo Régis Poulet, em *A geopoética ou como abrir um mundo* (2022), ao reconhecermos que chegamos no fim da estrada ocidental diante das várias crises que se apresentam,

[...] trata-se de encontrar diferentes formas de ligar a poética ao geo, ou seja, de reconectar o pensamento à Terra de uma forma contemporânea. [...] A geopoética é um cenário em movimento, uma abertura da existência ao mundo, que integra assim o nomadismo intelectual, mas também o nomadismo no sentido literal. [...] O trabalho da geopoética consiste não só em releer o mundo, mas em recontar o mundo, começando do zero. Ao escolher o prefixo geo-para abranger todas as dimensões do mundo, a geopoética inventada por Kenneth White não deixa de fora nem a litosfera, nem a

hidrosfera, nem a atmosfera, nem a biosfera, nem a esfera de pensamento. Melhor ainda: a geopoética coloca-os a todos numa relação dinâmica (Poulet, 2022, s.p.).

Essa dimensão nomádica, física e intelectualmente considerada, diz respeito ao caráter transdisciplinar da teoria-prática geopoética, assim como a uma compreensão das complexidades inerentes ao ato de habitar a Terra e das singularidades que apontam os vários lugares nesse todo. E nessa dimensão se inscreve a abordagem geopoética da cartografia, uma característica historicamente vinculada às explorações e viagens humanas pela Terra. Para Bouvet (2015), se grande parte das cartografias contemporâneas não possui mais esse vínculo, há que se reinventá-las, em direção a um novo imaginário cartográfico. Há que conferir novos sentidos à escrita da Terra (a etimologia de geografia):

Se o mapa é uma mediação entre o ser humano e a Terra, e se a abordagem geopoética nos incita a explorar os caminhos da relação sensível e inteligente com a Terra, então é fundamental repensar essa mediação, questionar as convenções, questionar as dimensões referencial, estética, semiótica e subjetiva do mapa. O paradigma do mapa pode ter sido concebido no âmbito da geografia, mas existem outras maneiras de concebê-lo. Multiplicar os pontos de vista, devolver ao mapa o caráter dinâmico que perdeu, o potencial de descoberta que pode suscitar [...] ‘Conectável em todas as suas dimensões’, para usar as palavras de Deleuze e Guattari, o mapa geopoético é aberto ao exterior; não se limita a ‘escrever’ a Terra, sugere também uma renovação da interface entre o sujeito e o mundo (Bouvet, 2015, s.p., tradução nossa).

Nesse sentido, deslocar os mapas de uma perspectiva cartográfica – como disciplina – para uma perspectiva geopoética intenta ativar outra relação entre o ser humano e a Terra. Em vez de se originarem como construtos mentais, a partir de apreensões abstratas que se impõem aos lugares, os mapas geopoéticos estão inerentemente vinculados a experiências sensíveis e concretas desses mesmos lugares, perdendo assim “seu papel de mediação técnica para adquirir uma dimensão discursiva e estética” (Bouvet, 2015, s.p., tradução nossa). Esta condição situada da experiência atrelada a uma inteligência que a conecta a sistemas abertos, a uma “existência ex-estática”, White denomina de “biocosmografia” (White, 1992, p. 169).

Considerando alguns pontos de contato que parecem existir entre elementos das geopoéticas de Kenneth White e dos trabalhos de Bruno Latour que se orientam à crítica da separação moderna entre cultura e natureza – desde, por exemplo, *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica* (1994 – publicado em francês em 1991), causa espécie o silêncio mútuo entre ambos os autores. Mas o que parece ser o ponto de maior partilha é também o de maior distanciamento.

White delinea uma teoria-prática de reconexão entre homem e Terra, afirmando que à própria política “falta um conceito de vida, um aterramento” (1992, p. 167, tradução nossa) e Latour propõe uma ética, ciência e política do aterramento (*Onde aterrar?: como se orientar politicamente no antropoceno*, 2020, publicado originalmente em francês em 2017; *Critical Zones. The Science and Politics of Landing on Earth*, 2020, editado com Peter Weibel). No entanto, aterrar

para White guarda ainda a centralidade do humano; o aterramento acontece na complementaridade entre o sentido fenomenológico da experiência dos lugares e o conhecimento transdisciplinar – também humano – sobre eles. Já para Latour, aterrar significa descentrar os humanos e reinseri-los junto aos não-humanos em conjuntos de seres multiespécies, como atores que agem na rede que compõe as “zonas críticas” de Gaia. Estamos, portanto, imersos em outra complexidade.

Segundo Latour e Lenton (2019, p. 662, tradução nossa), “o que o prefixo *geo* minimiza ou ignora, Gaia nos obriga a sublinhar novamente”. A concepção a sublinhar é de Gaia como um fenômeno heterogêneo “criado pelas ações e interações de diversos agentes biológicos livres e aspectos de seu mundo abiótico, cujo resultado é uma arriscada e provisória extensão no espaço e duração no tempo” (Latour; Lenton, 2019, p. 672, tradução nossa), que se opõe às noções de unidade e homogeneidade, ou mesmo de sistema, que rondam nossa compreensão costumeira do globo terrestre. Assim, “existe uma Gaia, mas Gaia não é ‘um todo’” (Latour; Lenton, 2019, p. 674, tradução nossa).

Ainda quanto às noções de Gaia e de zonas críticas, Latour e coautores não só as associam como parecem criar entre elas uma circularidade. “Zona crítica” designa

[...] as camadas (principalmente continentais) do topo do dossel até as rochas-mãe, destacando assim a camada fina, porosa e permeável onde a vida modificou os ciclos da matéria ativando ou catalisando reações físicas e químicas. Essas complexas reações biogeoquímicas geram uma espécie de pele, um verniz, um biofilme cuja reatividade e fragilidade se tornaram temas centrais de pesquisas multidisciplinares em torno do controverso conceito de Antropoceno

(Arènes; Latour; Gaillardet, 2018, p. 121, tradução nossa).

Quanto a Gaia, Latour e Lenton (2019, p. 676, tradução nossa) reafirmam que não é um globo, mas

[...] um biofilme fino, uma superfície, uma película de não mais do que alguns quilômetros de espessura que não fez incursões muito longe na atmosfera nem muito longe nas profundezas da terra abaixo, não importa quanto tempo você considera a história das formas de vida. É por isso que é importante mudar da visão global de Gaia para o que alguns cientistas agora chamam de ‘zona crítica’.

Como dar a ver essas interações complexas e acompanhar processos que têm extensão no espaço e duração no tempo difusas, mas que são extremamente importantes de serem cartografadas para a própria subsistência da vida, é a questão. De saída, Latour defende que devemos repensar nossos mapas antropocêntricos e, como não poderia deixar de ser, nos reportamos ao projeto *Feral Atlas – The More-Than-Human Anthropocene*, curado e editado por Anna L. Tsing, Jennifer Deger, Alder Keleman Saxena e Feifei Zhou (*cf.* Tsing *et al.*, 2021). *Feral Atlas* convida, a partir do que são consideradas no projeto como dinâmicas detonadoras do Antropoceno (invasão, império, capital e aceleração), que se explore “mundos ecológicos criados quando entidades não humanas se envolvem em projetos de infraestrutura humana” e a “reconhecer ecologias ‘selvagens’, ou seja, ecologias que foram incentivadas por infraestruturas construídas pelo homem, mas que se desenvolveram e se espalharam além do controle humano” (Tsing *et al.*, 2021, s.p., tradução nossa).

Figura 1 – Feral Atlas – interface dinâmica do projeto



Fonte: Tsing *et al.* (2021).

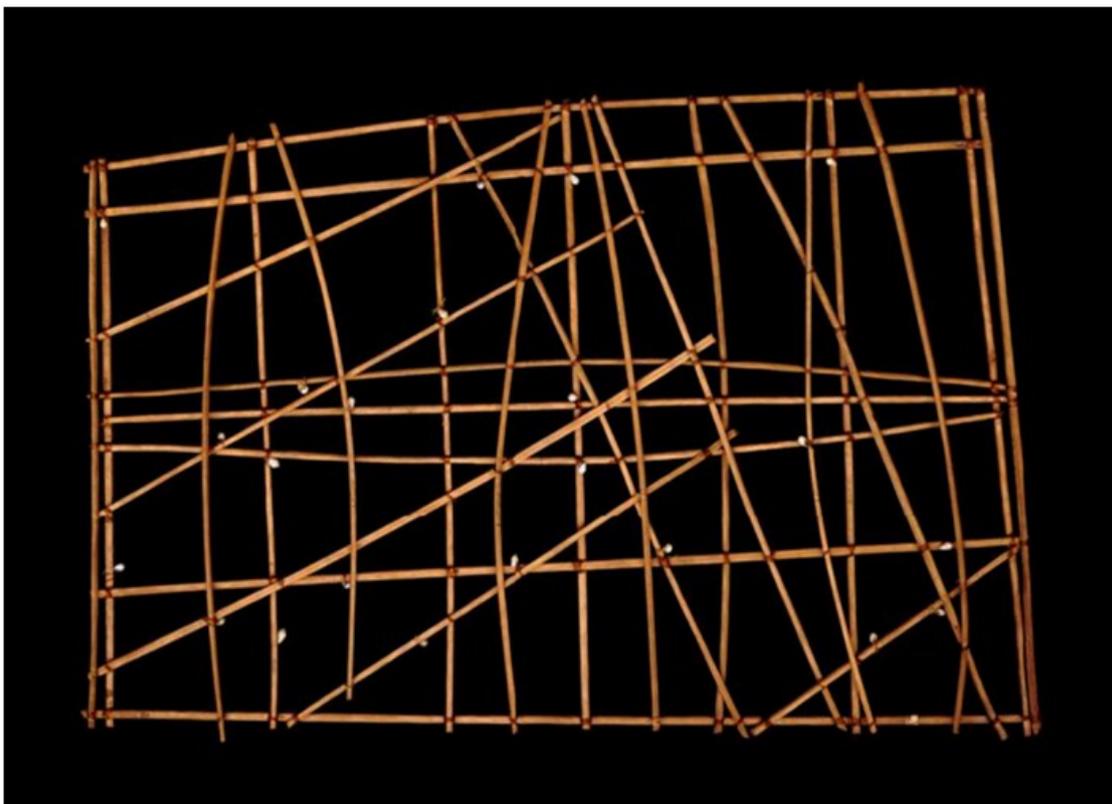
Ou ainda, como não recorrer aos mapas de varetas (*Rebbelib, Mattang e Meddo*) criados pelos nativos das Ilhas Marshall, sobre os quais escreveu Gisele Girardi (2020)? Em

uma relação estreita e sensível com um conjunto de fatores naturais, como ventos e ondulações do mar, os nativos eram capazes de perceber com o corpo as alterações que as ilhas e os

atóis causavam nas dinâmicas ondulatórias, e com isso estimar distâncias e posições relativas para sua navegação. Estes mapas de vareta tinham a função de “registro e compartilhamento de conhecimentos e experiências vividas pelo corpo na ondulação do mar”, e “não eram, portanto, lidos na racionalidade das dimensões absolutas do espaço visto de cima, mas auxiliavam uma incorporação prévia, mental e sensorial, dos movimentos a serem vividos no deslocamento” (Girardi, 2020, p. 69). No

entanto, desse sistema cartográfico mais-que-humano corporificado pelos micronésios sobraram apenas vestígios. A maior parte dos mapas de vareta ainda existentes foi adquirida por museus europeus e americanos, e as águas das Ilhas Marshall se tornaram campos de testes nucleares desde a metade do século XX; com os níveis de radiação, os corpos perderam a capacidade de sentir as ondulações do mar, agora tomado por grandes embarcações.

Figura2 – Rebellib, mapa de navegação, Ilhas Marshall²



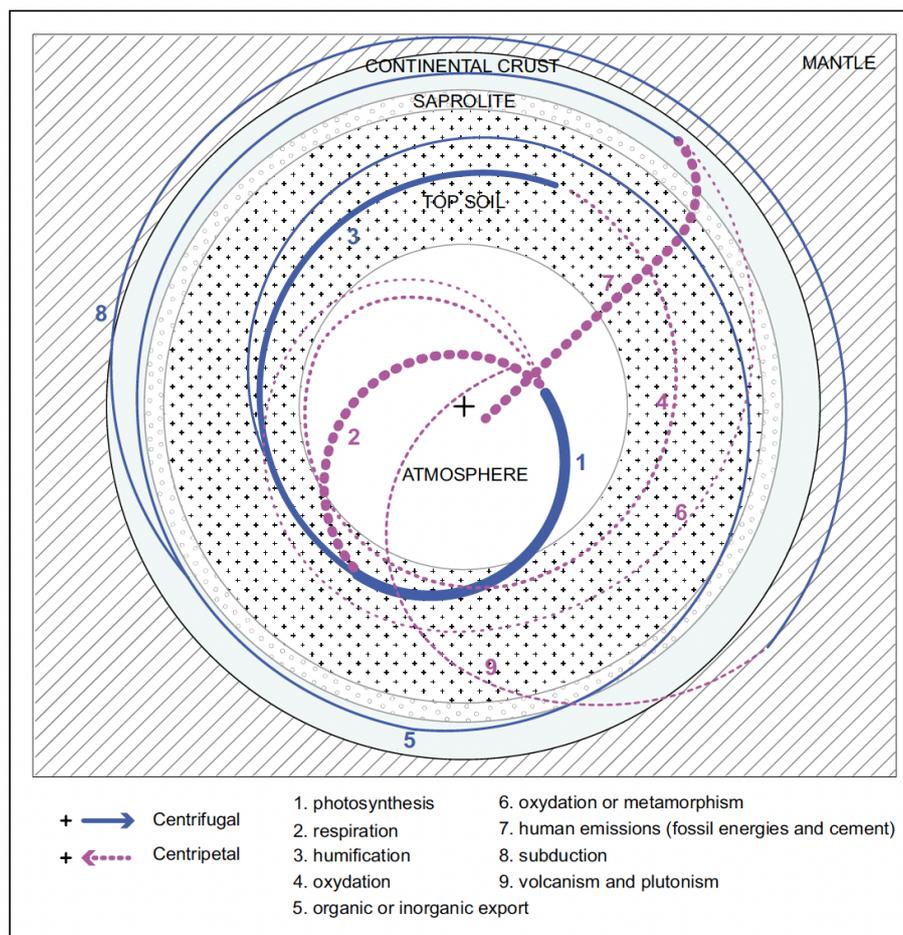
Fonte: The British Museum (1904).

Para Arênes, Latour e Gaillardet (2018), captar os movimentos das zonas críticas passa por questionar a suficiência das representações de lugares nas grades de latitude e longitude, assim como a visão planetária reforçada por representações da ciência – entre as mais emblemáticas está a fotografia *Earthrise* capturada pela expedição Apolo 8 (1968) – que invisibilizam todas as formas de vida e produzem uma dissonância cognitiva com a experiência vivida. Grade e visão total não captam a espessura e a dinâmica dos eventos das zonas

críticas. É nesse flanco que os autores apresentam o que denominam como “gaiagrafia”, um diagrama especulativo, que não está interessado em posicionar lugares, mas dar assinatura a eventos, nos quais matérias e organismos vivos desempenham um papel central. Em círculos concêntricos que invertem a lógica convencional do centro ocupado pelo núcleo da Terra e da periferia ocupada pela atmosfera, o esquema da gaiagrafia coloca no centro a espessura da zona crítica, na qual linhas espirais indicam a abrangência dos eventos.

Figura 3 – Esquema apresentando a capacidade da vista gaiagráfica de representar o ciclo de carbono

² Século XIX. Fibras vegetais e conchas, 67.5 x 99 x 3 cm.



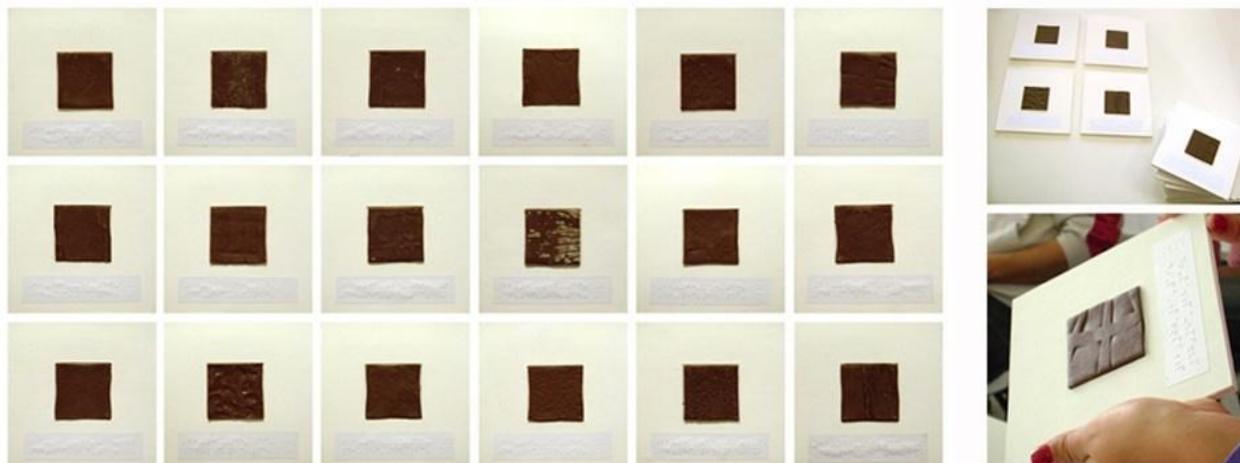
Fonte: Arènes, Latour e Gaillardet (2018).

Este campo da “visualização especulativa” para conferir visibilidade aos diversos agentes da Terra é o que exploram Frédérique Aït-Touati, Alexandra Arènes e Axelle Grégoire, respectivamente historiadora das ciências e arquitetas, em *Terra Forma. Manuel de cartographies potentielles* (2019). Passando da extensão para a espessura, e incluindo a variável do tempo, as autoras lançaram-se a inventar métodos e linguagens cartográficas inspiradas “na modelagem, uma ferramenta privilegiada da ciência contemporânea” (Aït-Touati, Arènes; Grégoire, 2019, p. 11-18, tradução nossa) para produzir o que denominam de *theatrum mundi* ou ainda de cosmogramas. Em sete linhas de reproposição das cartografias – solo, ponto de vista, paisagens vivas, fronteiras, espaço-tempo, origens-recursos, memória(s) –, repovoam os mapas com dinâmicas entre seres humanos e não-humanos. Alteram o objeto de notação desenhando “não mais os solos sem os vivos, mas os vivos no solo, os vivos do solo, como eles o constituem.

Este mapeamento dos vivos tenta anotar os vivos e seus rastros, gerar mapas a partir dos corpos e não dos relevos, fronteiras e limites de um território” (Aït-Touati, Arènes; Grégoire, 2019, p. 4, tradução nossa). Ao questionar os mapas, o projeto busca questionar através deles o estado do mundo:

A ruína dos territórios causada pela crise climática gera uma crise espacial que nos proíbe de nos contentarmos com uma leitura física de acordo com os parâmetros antigos e nos obriga a questionar nossas ferramentas de descrição. Na verdade, uma grande fonte de ceticismo ou indiferença em relação ao novo regime climático vem da falta de representação comum do que é viver nessas zonas críticas. [...] Trabalhar sobre representações experimentais, diagramas, modelos, esquemas e mapas é tornar visível o invisível (destruições antropogênicas, ecossistemas em ruínas); é explorar outras formas de nos situarmos no mundo (Aït-Touati; Arènes; Grégoire, 2019, p. 182, tradução nossa).

Figura 4 – Mapa 1 Solo, Terra Forma

Figura 5 – Relevo³

Fonte: A autoria de Emyr Ferrario de Lima, Mônica Aparecida de Freitas, Núria Cristina Eler Pedrazzini.

O trabalho aproxima ainda duas escalas extremas, o contato corporal com o relevo das superfícies e a possibilidade de localização de qualquer fragmento urbano por meio de sistema global de posicionamento (GPS). A visualidade de cada micro-relevo oscila entre a sua escala reduzida e a referência a relevos geográficos e traçados urbanos. E o que se afirma no conjunto é a forte presença das matérias e das ações que desenham territórios.

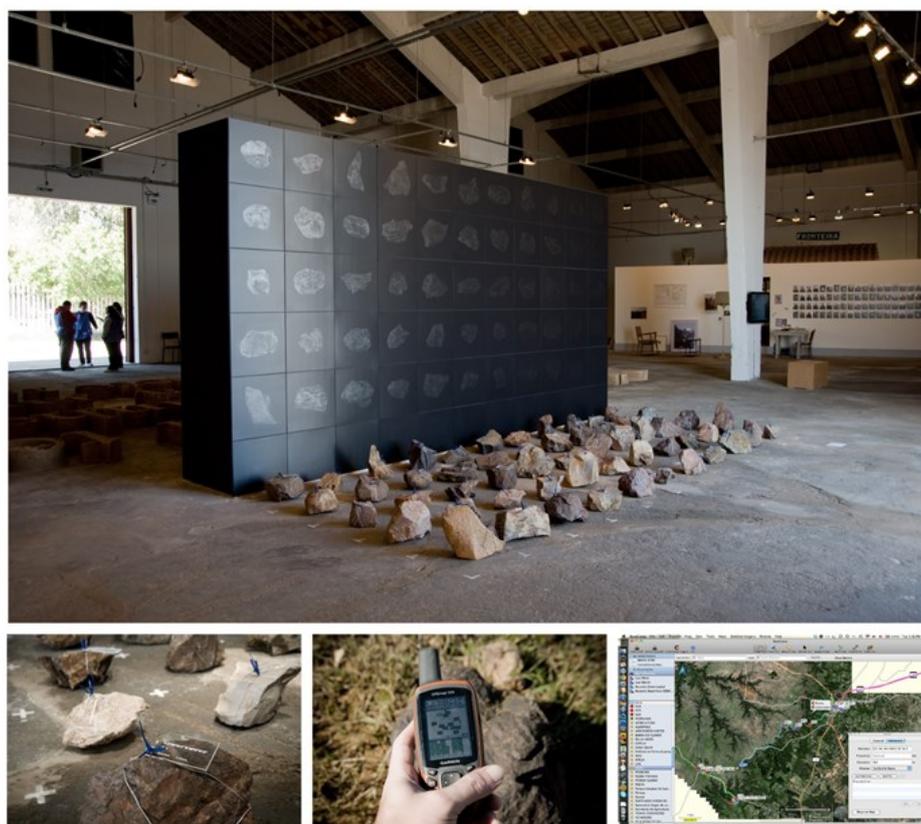
Pela referência direta ao termo geopoética, importa recuperar a *8ª Bienal do Mercosul – Ensaio de Geopoética* (2011). Segundo o curador José Roca, a proposta foi não só fazer alusão a questões geopolíticas inerentes ao próprio Mercosul, mas “às diferentes formas com que as noções de localidade, território, mapeamento e fronteira são abordadas pelos artistas contemporâneos” (Ramos, 2011, p. 12). Embora o termo geopoética não seja propriamente conceituado pela curadoria, o projeto curatorial parte de perguntas que, num certo sentido, subordinam as geopoéticas a questões geopolíticas dos territórios, nações, estados:

Quais são as alternativas à noção convencional de nação? Pode haver cartografias que não estejam ao serviço da dominação? É possível posicionar o irredutivelmente local como alternativa à globalização? Que tipo de cidadania ocorre em um território não urbano? Qual é o status político de uma nação ficcional? Qual é a relação entre viagem e colonização? (Roca, 2011, p. 44).

Os títulos dos dez núcleos da exposição – Fronteira, (m)igração, Discurso/História, Democracia/República, Cartografia/Política, Conflito, Fronteira, (Geo)poéticas, Símbolos Nacionais, Mercado/Raça/Questão Indígena – dão uma medida das questões investigadas, assim como, inversamente, evidenciam o que apenas se tangenciou, como as ações antrópicas. A expressão antropoceno, por exemplo, não esteve na agenda. Dentre as obras expostas que são evocativas da interface entre geopoéticas e cartografias, duas serão comentadas.

³ 18 placas de 20 x 20 cm, gravuras em argila, papel mousse, etiquetas, gravação em braille.

Figura 6 – Deslocando territórios



Fonte: Moscheta (2011).

Criada no contexto da Bienal, *Deslocando territórios, Projeto Uruguay*, de Marcelo Moscheta, é uma obra que ecoa aspectos da *land art* de Richard Long, ou mesmo os *non-sites* de Robert Smithson. Em viagem pela fronteira entre Brasil e Uruguai, o artista cruzou a linha que estria geopoliticamente os territórios lisos, escolheu, geolocalizou e coletou pedras em território uruguaio, transportando-as para o lado brasileiro. Não se tratou de uma exploração científica, mas de uma investigação poética sobre a permanência da matéria geológica e a continuidade de suas formações alheias às abstrações das fronteiras geográficas. Numa ação que remete à arqueologia, as 55 pedras coletadas foram organizadas e classificadas, perfazendo a memória de um território que está em outro lugar. Mas esse mapa improvável disposto no chão converte-se ele mesmo em território de outro mapa que o recria ponto a ponto com 55 desenhos em grafite sobre placas de PVC preto, desenhos esses que apenas mediante a incidência oblíqua de luz se tornam visíveis. Expedição, coleta, classificação e desenho,

fazeres recorrentes no universo científico para gerar conhecimento humano sobre a natureza, são ressignificados para falar, neste caso, da disjunção entre os territórios geológicos e os mapas geopolíticos e da afinidade entre os territórios geográficos e os mapas afetivos.

Por sua vez, *Onde nunca anoitece* (2009), de Lais Myrrha, desenha um *mapa mundi* apenas com pontos localizados sempre no encontro entre um meridiano e um paralelo. Não há linhas ou planos que indiquem onde estão os continentes e oceanos. Em cada ponto, um relógio digital que marca o horário respectivo à sua geolocalização está programado para despertar sonoro apenas no alvorecer. Territórios, fluxos, transações, tudo é repentinamente reduzido ao grau zero, o ritmo de rotação da Terra. Mas no contexto contemporâneo, *Onde nunca anoitece* remete também ao ritmo 24/7 da globalização e do capitalismo tardio e sem limites (Crary, 2014). É uma cartografia sonora de um planeta ruidoso.

Figura 7 – Onde nunca anoitece

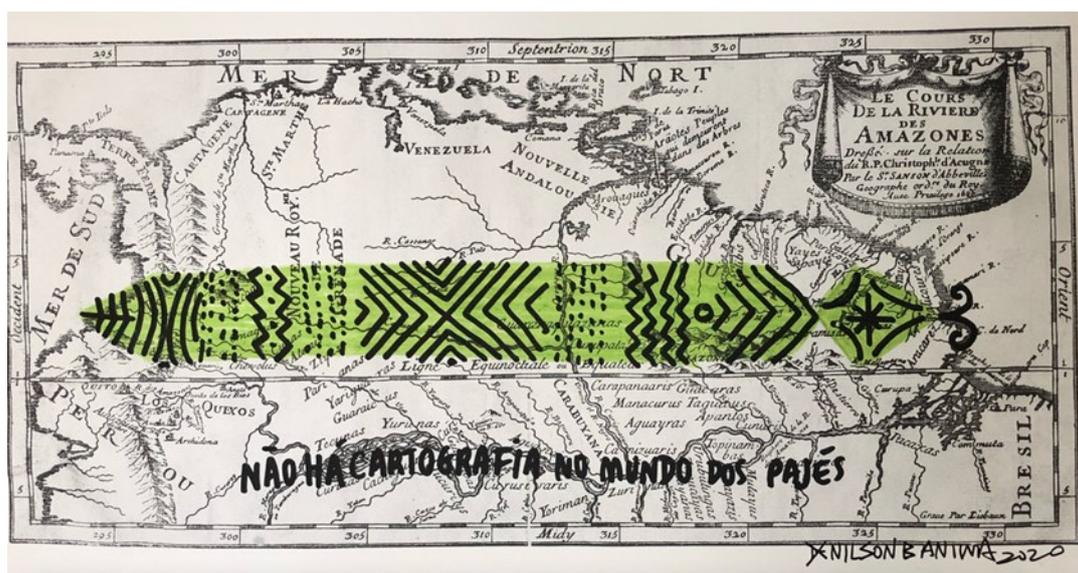


Fonte: Devide (2009).

Quase dez anos após *Ensaio de geopoética*, em um contexto de intenso debate sobre as teorias e práticas decoloniais e de um governo que deliberadamente incentivou e propagou violência física, simbólica e territorial contra os povos originários no Brasil, Denilson Baniwa produziu a obra *Não existe cartografia no mundo dos pajés* (2020). Este é um dentre outros trabalhos criados por Baniwa a partir da intervenção com

nanquim em imagens existentes; são ações que ele denomina de “rasuras”, pois alteram os significados previamente existentes pela inscrição de novas informações sobre as então existentes. Nas palavras do curador Moacir dos Anjos, significa “escavar imagens”, “escavar, em imagens de séculos passados que tematizam o Brasil, índices das violências formadoras e constitutivas do País” (Anjos, 2021, s.p.).

Figura 8 – Não existe cartografia no mundo dos pajés



Fonte: Denilson Baniwa (Anjos, 2021, s.p.).

Diferentemente de *Isto não é um cachimbo* (1929), de Magritte, não se trata de opor o mundo dos

signos ao mundo real como na concepção surrealista, mas de opor dois mundos. A frase “Não há

cartografia no mundo dos pajés” foi escrita sobre um mapa dos rios da Amazônia desenhado em 1680 pelo historiador e cartógrafo francês Nicolas Sanson. Mapas compuseram os vastos conjuntos de informações visuais e materiais produzidos pelos chamados viajantes europeus pela América do Sul e que no caso do Brasil, bem se sabe, ajudaram a tematizar sua formação social. Confrontar esse tipo de representação ocidental que divide territórios é confrontar todo um sistema de vida que lhe ancora. Além da frase título da obra, Baniwa desenha um grafismo que se antepõe sobre a “linha equinocial” (Equador) e religa o território, do Pacífico ao Atlântico.

Entre o arco que compreende as formas de controle dos mapas geográficos até as cartografias geopoéticas que tensionam por novas formas de ver e conceber o mundo, Baniwa finca uma flecha contundente. Indica explicitamente a necessidade do cultivo não só de outros conceitos, mas de outras cosmologias.

Retomando o início deste ensaio, lembremos que historicamente mapas controlam e abrem formas de ver. Compreender as cartografias como geopoéticas de espacialização da informação acerca de mundos mais-que-humanos parece ser uma abordagem profícua não só de revisão de modos de ver, mas também de sentir e conhecer. Como disse Latour (2000, p. 43), “a única coisa que sabemos com certeza é que não mais podemos nos contar as mesmas histórias”. Diante das crises – ambientais, políticas, epistêmicas – que se apresentam, e que não são apenas da ordem da representação, com Baniwa e outros autores presentes neste texto, pode-se atestar que não mais podemos desenhar os mesmos mapas.

Referências

- AÏT-TOUATI, Frédérique; ARÈNES, Alexandra; GRÉGOIRE, Axelle. Terra Forma, Manuel de Cartographies Potentielles. *SOC Société d'Objets Cartographiques*, 2019. Disponível em: <http://s-o-c.fr/index.php/terraforma/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- ANJOS, Moacir dos. Para decolonizar a Brasileira. *Select*. 2021. Disponível em: <https://select.art.br/para-decolonizar-a-brasiliana/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- ARÈNES, A.; LATOUR, B.; GAILLARDET, J. Giving depth to the surface: An exercise in the Gaia-graphy of critical zones. *The Anthropocene Review*, Volume 5, Issue 2, August, p. 120-135, 2018. <https://doi.org/10.1177/2053019618782257>

- BOUVET, R. Como habitar o mundo de maneira geopoética?, *Interfaces Brasil/Canadá - Revista Brasileira de Estudos Canadenses*. v. 12, n. 1., p. 9-15, 2012.
- BOUVET, R. *Vers une approche géopoétique: lectures de Kenneth White, de Victor Segalen et de J.-MG Le Clézio*. (e-book). Québec: Press de l'Université du Québec, 2015.
- CRARY, J. 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs. capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa, vol. 1. São Paulo: 34, 1995.
- DEVIDE, F. *Onde nunca anoitece*, 2009. Disponível em: <https://fabianodevide.blogspot.com/2011/09/bienal-do-mercosul-geopoeticas-cais-do.html>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- FOSTER, H. *What Comes after Farce? Art and Criticism at a Time of Debacle*. New York: Verso, 2020.
- GIRARDI, G. Cartografias (in/im)possíveis: O Ilha. *Punto sur*, n. 2, maio, p. 64-74, 2020. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/RPS/article/view/8089>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- JAMESON, F. “Cognitive Mapping”. In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence. *Marxism and the Interpretation of Culture*. Illinois: University of Illinois Press, 1988. p. 347-360.
- JAMESON, F. *The Geopolitical Aesthetic: Cinema and Space in the World System*. Bloomington, Indiana University Press, 1992.
- LATOUR, B. Alguns experimentos em arte e política. Tradução de Eduardo de Jesus. *Dispositiva*, v. 1, n. 1, p.17-27, 2012.
- LATOUR, B. *Onde aterrar?: como se orientar politicamente no antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LATOUR, B.; LENTON, T. M. Extending the domain of Freedom, or why Gaia is so hard to understand. *Critical Inquiry*, 45:3, p. 659-680, 2019.
- LATOUR, B.; WEIBEL, P. *Critical Zones. The Science and Politics of Landing on Earth*. Massachusetts: The MIT Press and ZKM - Center for Art and Media Karlsruhe, 2020.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de C. A. R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MOSCHETA, M. *Cosmopolíticas da Imagem*, 4, n. 10, 2011. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/marcelo-moscheta-displacing-territories/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- POULET, R. *A geopoética ou como abrir um mundo*. 2022. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- RAMOS, A. D. (org.). *Catálogo da exposição 8a Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.
- ROCA, J. Geopoéticas. In: Alexandre Dias RAMOS (org.). *Catálogo da exposição 8a Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.
- SEEMANN, Jorn. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. *Geografares*, n. 12, p. 138-174, 2012. DOI: 10.7147/GEO12.3191
- THE BRITISH MUSEUM. Chart. 1904. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/E_Oc1904-0621-34. Acesso em: 5 nov. 2023.
- TSING, A. L.; DEGER, J.; SAXENA, A. K.; ZHOU, F. The More-Than-Human Anthropocene. *Feral Atlas*, 2021. Disponível em: <https://feralatlantis.org>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- WHITE, K. Elements of Geopoetics, *Edinburgh Review*, 88, p. 163-178, 1992.
- WHITE, K. *O grande campo da geopoética*. 2016. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetic>. Acesso em: 23 fev. 2023.

Artigo submetido em 19/04/2023

Aceito em 04/10/2023